

Revista Filosófica de Coimbra

VOL. 2 • N.º 4 • OUTUBRO 93

MIGUEL BAPTISTA PEREIRA - *Europa e Filosofia*

FRANCISCO V. JORDÃO - *A Religião sob o ponto de vista filosófico*

J. ENCARNAÇÃO REIS - *O Riso estético segundo Bergson e Lalo*

JOÃO MARIA ANDRÉ - *O Problema da Linguagem no Pensamento filosófico-teológico de Nicolau de Cusa*

ANSELMO BORGES - *E. Bloch: a Esperança ateia contra a Morte*

EDMUNDO BALSEMÃO PIRES - *Factos sociais. Comunidade e Linguagem - a propósito do livro de Margaret Gilbert, On Social Facts*

Aquinas on Being and Essence. A Translation and Interpretation by Joseph BOBIK. University of Notre Dame Press, Notre-Dame (Ind.), 1965, 286 p.

A recente embora muito discutível inclusão nos Programas de Filosofia do Ensino Secundário (12º ano), a título de opção, da leitura comentada do opúsculo de São Tomás de Aquino, *De Ente et Essentia* (1254/56), justifica por si só esta referência a trabalho já antigo de J. Bobik. Ele apresenta-se-nos como um ensaio de interpretação literal daquela obra do Aquinate e o comentador consegue explicar bem os conceitos e as problemáticas em jogo. Mais ainda: fá-lo de uma maneira literal, sistemática e praticamente exaustiva. Gostaríamos portanto de recomendar este trabalho de J. B. O comentário minucioso do texto que traduziu (a partir da ed. de L. Baur, Münster 1933) foi caucionado pela docência material do mesmo e nasceu sob o signo da oposição a uma outra versão inglesa, a de A. Maurer (Toronto, 1949) que traduzia o difícil vocábulo de “esse” por “act of existing”. Tratava-se aqui, como é bem de ver, de seguir a tradição interpretativa de cariz existencial que havia sido promovida por J. Maritain e por E. Gilson, e à qual J. B. se opõe largamente (p. 204-212, 220).

A intuição fundamental da metafísica tomasina (hoje em dia já se distingue com proveito o tomasismo do tomismo) reside na sua proposta da prioridade do acto sobre a potência (evitando por isso o que virão a ser os escolhos do advir idealista, “werde was du bist”) fazendo da existência não o resultado de uma génese, mas um acto de ser integralmente perfeito (e finito em cada um dos seus modos, essências). É aliás esta a razão pela qual se acompanhamos J. B. na crítica aos excessos da corrente de interpretação existencial não podemos partilhar em bloco da sua oposição a essa corrente. É que, como mostrou v. gr. M. Gogacz (*Misc. Mediaev.* 13/1: 1981, 761-8), este opúsculo de juventude amalgama, de uma forma nem sempre consistente, diversas linguagens entre as quais deveremos contar a existencial (que se reconhece preferencialmente à volta do par *esse/essentia*) ao lado de uma neoplatónica (Boécio, Avicena) e de outra aristotélico-porfiriana. Já tivemos a ocasião de noutro lugar manifestar a nossa crítica à oposição que funda aquela tradição interpretativa, a de Avicena (essencialismo) vs. Tomás (existencialismo), inclusivé em nome da própria estrutura do idioma árabe e da forma mental que este promove (*Rev. da Univ. de Coimbra* 37: 1992, 176-8). Agora, gostaríamos de dizer que somos daqueles que partilham da presença de uma concepção existencial ‘sui generis’ (vd. o neoplatonismo, o par *esse/essentia*, a oposição ao hilomorfismo universal, etc.) ao lado de uma concepção essencial (vd. a temática lógica à volta da qual gravita o esclarecimento dos vários vocábulos do opúsculo). Como se sabe, nele, Tomás tinha pretendido fazer três coisas: (i) elucidar “os termos de essência e ente, (ii) determinar de que modo eles se

encontram nas várias realidades, [e] (iii) de que maneira eles se relacionam com as noções lógicas, tais como género, espécie e diferença." Ora, será predominantemente no esclarecimento da relação da essência com o existir, e das várias formas deste, que se produz uma primeira e breve aproximação ao criacionismo e ao programa que dele se extrai em sede peripatética. Com esta exploração contribui-se para o desenvolvimento de uma complexa tradição que contará com Egídio Romano, Henrique de Gand, Godofredo de Fontaines, Tiago de Viterbo, etc., entre os seus maiores cultores (vd. à este propósito a contribuição de J. Wippel para a *Cambridge History of Later Medieval Philosophy*). Parece-nos, além do mais, que o recurso ao *Liber de Causis* permite a São Tomás fazer a transição sem grandes perturbações para um tratamento criacionista. Em todo o caso, são as páginas que dedica à descrição do puro existir que melhor nos revelam como neste sistema a metafísica propende para a teologia e para a consideração da problemática da contingência. Elevar a existência a uma instância problemática é, sem dúvida nenhuma, a dimensão do opúsculo que mais fascínio ou repulsa causa aos filósofos profissionais de vários quadrantes.

Regressemos ao trabalho de J. B. A necessidade de tornar o texto o mais sistemático possível, ao ponto de numa maneira curiosa o chegar a completar num aspecto - dando um tom de completude que ele não comportaria - (vd. p. 268; mas há lacunas nesta operação: v. gr. nada se diz sobre a alusão de Tomás ao monopsiquismo), faz com que nem sempre possamos seguir o amadurecido e competente trabalho interpretativo deste comentador. Mas, para além do facto de não chamar devidamente a nossa atenção para a mistura nem sempre feliz de problemáticas distintas a vários títulos (lógica, gnosiológica, metafísica), o trabalho padece ainda dos inconvenientes de se ter utilizado um texto latino hoje superado. A este propósito, o exemplo mais flagrante é sem dúvida alguma o da pág. 133, onde o intérprete elucida o sentido do termo "espécie" não na acepção lógica mas gnosiológica. Este parágrafo, como o que traz o número 61 (por comodidade de leitura J. B. optou por dividir o original em parágrafos), não nos aparece na recente edição de R. Busa, hoje acessível em CD-ROM. Não se pense todavia que este trabalho de J. B. é menor. Se como entre nós anotava o tradutor de Wittgenstein, traduzir um livro de filosofia pode equivaler a fazer filosofia (*Jornal de Letras*, 300: 1988, p. 20), então estamos em crer que é precisamente este ponto relativo ao esforço teórico que subjaz ao seu trabalho de tradução que explica o nível elevado da presente contribuição de J. B. A sua interpretação é, pois, a mais sistemática e completa que nos é dado conhecer. Depois do trabalho pioneiro de Roland-Gosselin (Paris, 1926), não sabemos de comentário francês com idêntica amplitude (vd. entretanto C. Capelle, Paris, 1985/5ª ed.), mas podemos aqui recomendar aos nossos docentes do Ensino Secundário que tiverem a coragem de tratar este opúsculo de Tomás, as edições alemã (F. L. Beeretz, Estugarda, 1987/2ª ed., com um importante comentário), castelhana (E. Forment, Barcelona, 1988), latina (A. Lobato, Roma, 1971) ou, e mais recente, a búlgara (T. Boiadjev, Sófia, 1992). Quanto ao nosso caso, estamos ainda à espera de um comentário em português, e a versão bracarense do Pe. A. S. Pinheiro, tão rigorosa do ponto de vista do gramático e da acribia do latinista, afigura-se-nos manifestamente ilegível em virtude de algumas soluções terminológicas adoptadas. E uma vez que esta recensão foi feita a pensar nos nossos docentes, atrevemo-nos ainda a sugerir três recentes e distintas obras onde estes poderão completar ou actualizar os seus conhecimentos sobre Tomás de Aquino: B. Mondin, *Dizionario enciclopedico del pensiero di san Tommaso d'Aquino* (Bolonha, 1991); Ch. Martin, *The philosophy of Thomas Aquinas* (Londres, 1988); e para uma biografia, J. Weisheipl, *Friar Thomas d'Aquino* (N. Iorque, 1974, também com tradução italiana).

Mário A. Santiago de Carvalho